

Credores da América Latina poderão aceitar bônus

The New York Times

Um acordo imperfeito, mas um bom começo para a solução da dívida externa da América Latina. É assim que o "The New York Times", em editorial publicado sábado e que O GLOBO reproduz, encara o esquema montado pelo México, para substituir parte da sua dívida por bônus de valor nominal inferior mas de pagamento garantido por títulos do Tesouro americano.

"O México e o Morgan Guaranty Trust Co. derrubaram o mito de que a dívida externa de US\$ 400 bilhões da América Latina jamais será integralmente paga. Depois de cinco penosos anos de endividamento crescente, somente para pagar juros da dívida velha, eles apresentam uma alternativa: perdão parcial da dívida, em troca de uma garantia para o restante. Este acordo inovador não liquida o problema; começa a dividi-lo em partes que podem ser administradas.

"Para os bancos que concordarem, o acordo promete que eles receberão de volta parte do seu dinheiro. Para o México, reduz um pouco a dívida e o custo dos juros, e libera capital desesperadamente necessário para o crescimento.

"As coisas funcionam assim: com apoio do Governo Reagan, o Morgan

Guaranty concorda em abrir mão de cerca de metade dos empréstimos aos quais o México fornecerá uma garantia sólida de que a outra metade será paga. Na prática, o México paga agora um pequeno sinal, ganha um prazo mais longo para pagamento do restante do principal e paga juros menores durante este período.

"Ao Tesouro cabe uma emissão especial de títulos 'cupon zero' — o México compra-os por um valor inferior ao nominal, não recebe juros anuais mas obtém o valor nominal integral ao final do prazo. O México utilizará estes títulos como garantia para os títulos novos que emitirá, em troca da dívida existente. Os bancos farão ofertas por estes títulos em termos de valor de mercado, e não nominal.

"Para o Tesouro, o custo é zero. Em outras condições, os bônus para o México seriam vendidos publicamente, no financiamento rotineiro do déficit. Mas a mudança de política significa que o Governo americano não mais insiste em que todos os devedores, em última análise, paguem cada centavo da dívida. Finalmente, Washington compromete-se a ajudar devedores e credores a sair do pantanal da dívida.

"A estratégia anterior não funcionou. A despeito de novos empréstimos e austeros programas de recu-

peração, as condições econômicas e sociais nos países devedores passaram de mal a pior. Inacreditavelmente, os devedores estavam exportando capital, pagando mais em juros do que recebiam em dinheiro novo. Alguns simplesmente pararam de pagar tudo que deviam; o Brasil, que tem a maior dívida, não pagou juros durante nove meses, no ano passado. A unidade dos bancos começou a romper-se na última primavera. Por iniciativa do Citibank, os principais bancos dobraram-se à realidade e montaram imensas reservas para empréstimos perdidos. Depois, o Bank of Boston foi mais à frente e considerou perdidos US\$ 200 milhões.

"O Morgan e o México mostraram-se inventivos. Seu acordo é uma ajuda, não uma solução. Alguns bancos não quererão ou não poderão admitir perdas. Muitos devedores carecem das divisas necessárias para comprar os bônus americanos a serem usados como garantia. E a dívida do México continua sendo imensa.

"É um acordo imperfeito, mas é um bom começo. Provavelmente haverá mais iniciativas do gênero, e talvez, finalmente, haja o acordo multinacional, através do Banco Mundial, que alguns estrategistas defendem. O México e o Morgan quebraram o gelo."